

Religião e ciência: caminho de aliança ética

Religion and science: the path of an ethical alliance

Rogério Luiz Zanini*

Resumo

A relação entre religião e ciência é um tema atrativo, necessário e muito complexo na contemporaneidade. Quando esse tema é discutido em nível público, muitas vezes é retratado como uma relação conflituosa em que duas grandezas heterogêneas se enfrentam a partir de atitudes totalmente diferentes e animadas por finalidades opostas. A história do cristianismo condensa a complexidade dessa relação. O objetivo desse texto é averiguar se religião e ciência podem formar uma aliança ética. Religião e ciência podem e devem contribuir para tornar a sociedade mais justa e humana? No cenário atual, é possível compreender ambas, conservando suas especificidades e riquezas? Tomando como base alguns autores que refletem essa questão, consideramos os seguintes elementos: primeiro, uma aproximação conceitual mínima dos termos religião e ciência. Em seguida, passaremos em revista cinco tipografias de classificação relacional entre ciência e religião. Depois, elencamos algumas nuances da complexidade da relação entre religião e ciência, sobretudo no contexto do Concílio Vaticano II (1965). Por fim, buscamos compreender como religião e ciência podem, por caminhos específicos, estarem a serviço da humanidade. Conclui-se afirmando que ciência e religião devem ser parceiras que, por intermédio da confirmação, colaborem na superação dos dramas da “casa comum”. Uma aliança ética é fundamental para que ambas cumpram sua missão de servir e não reinar da humanidade.

Palavras-chave: Ciência. Religião. Aliança. Ética.

Abstract

The relationship between religion and science is a very complex theme in contemporary times, it is also attractive and necessary. When discussed in general terms, it is often portrayed as a conflictive relationship of opposing forces facing each other from a totally different perspective and animated by contrasting objectives. The complexity of this relationship follows the historic existence of Christianity. Then, the purpose of this text is to ascertain whether religion and science can form an ethical alliance, or at least an understanding, by questioning if religion and science do contribute to making society more just and humane. From the point of view of authors who reflect this question, we try to approach a minimal conceptualization of the terms ‘religion’ and ‘science’. Next, we try to discuss five types of relational classification between them. In the end, we list some nuances of the complexity of the relationship between religion and science,

* Doutorando em Teologia pela (PUC /RS) e bolsista da CAPES. Contato: zaninipastoral@hotmail.com.

especially in the context of the Second Vatican Council (1965), seeking to understand how religion and science can, in specific ways, be at the service of humankind. In final considerations, we come to conclude that science and religion might be partners through an ethical alliance so that both fulfill their mission to serve humanity and not reign over it.

Keywords: Science. Religion. Alliance. Ethics.

Introdução

A relação entre religião e ciência é um tema espinhoso na história do cristianismo. A sua importância e atualidade exigem aprofundamento. Por um lado, a razoabilidade da fé afirma que os cristãos – seguidores do Evangelho de Jesus - devem produzir bons frutos, para que a fé não seja efêmera (cf. Mt 7,17). Uma vida de fé, que não deixe sinais perceptíveis do Reino de Deus na história, é morta (cf. Tg 2,26). Por outro lado, a razoabilidade da ciência, produto da racionalidade humana, precisa colaborar na superação dos grandes problemas sociais da humanidade, para não ser conivente ou responsável pelas tragédias na história.

Apesar de a ciência e a religião estarem vinculadas ao propósito da vida humana, os conflitos entre elas foram muito acentuados na história; todavia, o cenário atual parece ser favorável ao diálogo. O avanço exponencial da ciência exige perguntar, constantemente, sobre sua contribuição à humanidade e sua possível relação com a religião.

No século XX, indicava-se o fim das religiões e o desaparecimento de Deus devido ao crescimento da ciência, como se ela ocupasse o lugar de Deus ou das religiões e, também, respondesse à sede de sentido da humanidade. Essa previsão não se realizou, e atualmente se considera um retorno ou revanche do religioso. O teor salvífico e/ou libertador desse retorno pode ser avaliado ou mesmo criticado, mas é inegável a presença do religioso como fenômeno.

Esse cenário exige uma compreensão adequada da relação entre religião e ciência. Conforme Sweetman (2014), o tema da relação entre religião e ciência é delicado e complexo. Quando esse tema é discutido em nível público, assume uma relação conflituosa em que duas grandezas heterogêneas se enfrentam a partir de atitudes totalmente diferentes e animadas por finalidades opostas. Diante disso, surge o questionamento: religião e ciência podem caminhar para uma aliança ética? É possível, no panorama atual, compreender conjuntamente religião e ciência, conservando suas especificidades e riquezas?

Essa é a questão central que busca ser respondida por meio da seguinte metodologia: primeiro, foi delineada uma conceituação mínima dos termos religião e ciência. Em segundo lugar, foram revisadas cinco tipografias de classificação relacional entre ciência e religião. Em terceiro lugar, foi analisada a relação complexa entre religião e ciência na história da Igreja Católica, sobretudo até a ocorrência do Concílio Vaticano II (1962-1965). E, em último lugar, buscou-se compreender em que sentido religião e ciência podem, por caminhos diferentes, serem uma contribuição ética à humanidade. Não são estranhas; são parceiras e, por intermédio do diálogo, corresponsáveis pela “casa comum”.

Mapeando conceitos de religião e ciência

Uma breve aproximação do conceito de religião e ciência são suficientes para perceber a seara que ambas comportam, porque a estrutura religiosa não é neutra, mesmo que alguns busquem eclipsá-la, não é plausível, devido aos seus interesses políticos, econômicos, sociais, entre outros. Por isso, disse muito bem Küng: “Definir religião de maneira inequívoca vem a ser tão difícil quanto definir a arte” (1986, p. 9). Religião significa “realização sócio individual (em doutrina, costume, frequentemente ritos) de uma relação do homem com algo que o transcende ao seu mundo ou que abrange todo o mundo, que se desdobra dentro de uma tradição e de uma comunidade” (1986, p. 8). Boff entende que a religião faz parte da “ordem dos sinais”, sendo “o estatuto humano e social da fé”. (1978, p. 220). A fé, no sentido de acolhida de uma revelação, poderia ser até dispensada nesse caso, uma vez que basta a experiência do sagrado, organizada em sinais e manifestações.

Há uma opinião generalizada que coloca os fatos religiosos não como mediação da fé, e sim como sistemas paralelos ou contrapostos à fé. Essa opinião defende que a religiosidade precisa ser substituída pela fé autêntica. Seguindo Irarrazaval, é possível afirmar que não é viável decidir pela substituição das religiões distintas da religião cristã, mas continuar evangelizando. E que “grande parte da espiritualidade e da religiosidade cristã do povo pobre é uma forma diferente de viver a fé” (2000, p. 385). Por isso, qualquer maneira de viver a fé precisa ser confrontada com os princípios da salvação cristã revelados por Jesus. Quando Jesus é o critério, percebe-se que Ele sempre se alegra e bendiz a manifestação de Deus aos pobres e pequenos (cf. Lc 10,21; Mt 11,25).

Com essas considerações, torna-se evidente que a religião não pode ser compreendida como aquilo que é ambivalente e negativo, enquanto o espiritual seria o positivo. Significa dizer que a religião, como fato humano, comporta implicâncias teológicas, e a espiritualidade tem na sua base a prática fiel, com dimensão subjetiva. A consequência é que, por trás de toda compreensão da fé, há uma maneira de seguir Jesus. O seguimento é a coluna vertebral do discurso sobre a fé. Duas grandes e entrelaçadas dimensões: a oração e o compromisso histórico; dizer “Senhor, Senhor” e fazer a vontade do Pai (Mt 7,21). Nas palavras do Papa Francisco: “há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação” (EG 262). E, dessa, surge o vínculo também entre teologia e religiosidade. A teologia sempre renasce a partir da vivência fiel. A elaboração teológica precisa reconciliar-se com a práxis religiosa do povo (IRRAZAVAL, 2000, p. 386).¹

Uma aproximação do conceito de ciência ainda se faz necessário para a reflexão. Seguindo Valle (2011, p. 36), ciência é uma coisa, cientificismo, outra. Ciência é “o conjunto organizado de acontecimentos atinentes a um determinado objeto de estudo, observado e analisado mediante critérios bem definidos e segundo metodologias próprias”. Continua: “a ciência é uma invenção progressiva construída pela inteligência humana com o fito de estabelecer um bom relacionamento com a natureza que o cerca e visando dominá-la de modo a auferir vantagens e evitar perdas”.

O cientificismo se refere ao conhecimento científico, entretanto, trata de sua absolutização. Para Valle (2011, p. 36), “baseia-se na hipótese de que o conhecimento científico deve ser reduzido apenas ao constatado empiricamente sob o controle de metodologias experimentais justificadas pela

¹ Utilizou-se os termos religião e religiosidade como sinônimos, mas poderiam ser diferenciados como faz Edênio R. Valle. Para ele, “religião deve ser vista mais como uma criação social e histórica, retransmitida e retrabalhada por séculos e milênios, enquanto a religiosidade se refere ao modo subjetivo de assimilação da religião pelos indivíduos e grupos sociais que vivem no contexto específico de cada uma delas”. (VALLE, 2011, p. 38-39).

lógica e a matemática”. Somente essa modalidade de conhecimento se torna válida, o que, por sua vez, desconsidera outras formas de conhecimento. O positivismo radical assumiu a tarefa de provar uma incompatibilidade entre o conhecimento científico e o decorrente de concepções pré-científicas e/ou crenças religiosas.

Essa posição tem sido criticada veementemente pela própria ciência. A crítica ao positivismo não significou uma renúncia à racionalidade, todavia, exige ser compreendida a partir de uma dimensão paradoxal.

De um lado, confia na possibilidade de chegar a conhecimentos objetivos pela via de previsões ordenadas segundo premissas e teorias logicamente fundamentadas. De outro lado, desconfia daquilo que se afirma por essa via, pela simples razão de que sobre nenhum assunto existe uma teoria única que o possa explicar de maneira cabal e definitiva a realidade existente (o mistério do mundo) nem posso fornecer um sentido e o sentido total para nosso ser-no-mundo. (VALLE, 2011, p. 57-58).

Essa mesma prudência em relação à racionalidade é defendida pelo filósofo Manfredo de Oliveira. No horizonte hegemônico da civilização técnico-científica, o ser humano se considera possuidor de enorme poder e liberdade. Contudo, para Oliveira, o grande ideal do ser humano moderno desemboca num terrível dilema.

Por um lado, o poder tecnológico alargou, de forma nunca conhecida antes, a extensão e as possibilidades da ação humana e gerou, com isso, a necessidade premente de regradar, por meio de normas, o uso efetivo desse enorme potencial; por outro lado, o tipo de racionalidade que conduz esse processo se reduz ao controle dos fenômenos e, em última instância, no momento atual, põe em dúvida a possibilidade mesma de uma verdade objetiva, teórica ou prática, na vida humana (2010, p.15-16).

O ato de colocar em dúvida revela-se uma necessidade da ciência e de seu método; ser racional não é o mesmo que não ter dúvida. Essa forma de compreensão precisa ser avaliada e questionada pelos próprios frutos amargos produzidos na história. As guerras, as destruições, as violências irracionais sobre povos inteiros provam que esse caminho se tornou uma realidade irracional sem sustentação. Por que a racionalidade não deu razão às matanças massivas, ao prazer do assassinato e da destruição da natureza, dos animais, e ainda, do mais belo da cultura, da arte e da religião?

Tipificando a relação entre ciência e religião

A história do envolvimento da teologia com a ciência recomenda cautela a sua análise. É apropriado fazer uma tipificação das cinco diferentes maneiras pelas quais as diversas acepções podem abordar não apenas a problemática da criação e do Big Bang, mas também outras questões no campo da ciência e da teologia.²

² Seguimos de perto, nessa tipificação, a reflexão de John F. HAUGHT, *Cristianismo e ciência: para uma teologia da natureza*. p. 168-173.

Fusão

Trata-se de uma perspectiva que não consegue fazer uma nítida distinção entre ciência e teologia. Funda ou mescla uma em outra. Para Hammes (2011, p. 216), até poderia ser chamada de confusão, pois “usa tanto os textos religiosos como científicos, no mesmo nível de informação”. A fusão considera que a Bíblia trata sempre do mesmo assunto em suas diferentes passagens, sempre a partir do mesmo ponto de vista. Estabelece-se, assim, uma contradição e exclusão recíproca: ou a versão científica é verdadeira e, portanto, a bíblica é falsa; ou a versão bíblica é verdadeira e, em contrapartida, a científica está equivocada.

A fusão é uma sobreposição incauta de formas de compreensão logicamente distintas que se alicerçam em métodos de entendimento e possuem objetivos diferentes. A ciência procura resolver problemas com perguntas muito objetivas, pergunta pelo porquê da realidade, dos fatos, dos fenômenos. A teologia se debruça em instigar e contemplar o inefável mistério divino. Se for tomado um fato mais objetivo, fica evidente como essa fusão ou confusão transparece na prática. O livro do Gênesis, por exemplo, na forma de fusão, significa fazer uma leitura fundamentalista como maneira credenciada de informações científicas e como convite a uma compreensão nova de Deus. Por consequência, sucede que a leitura bíblica do Gênesis fornece uma explanação científica das origens.

Segundo Haught (2010, p. 168), “a fusão é a consequência de uma incapacidade de distinguir cuidadosamente entre o método científico e uma cosmovisão ou sistema de crença”. Por mais simples que pareça ser essa postura, é a causa radical de muitas dificuldades na história, encontradas na relação entre ciência e teologia. No entanto, não contempla somente os fundamentalistas religiosos; compreende também os naturalistas científicos que, com sua (inverificável) crença, afirmam que o universo pode ser compreendido inteiramente de forma materialista.

Conflito

Outra maneira de relacionar ciência e crença é pensá-las como irreconciliavelmente opostas. Essa é a posição de conflito. Os fiéis colocam situações de conflito sempre que tomam passagens da Escritura ou ensinamentos específicos de sua fé e os contrapõem à ciência. A confusão entre o texto bíblico e a ciência provoca conflito. Os ataques à Bíblia seguem a presunção científica do monopólio da verdade em todas as dimensões da realidade. Essa postura ignora que a Bíblia possa dizer sua verdade, considerando outra abordagem, diferente da ciência.

Essa tipologia mantém a exclusividade de um conhecimento que somente segue os padrões da ciência. São aceitáveis aquelas pretensões que possam satisfazer requisitos científicos comprovados. Os ensinamentos imprevistos do cristianismo ou das outras religiões não são acolhidos como contributo para a ciência. Verdades básicas da fé cristã como, por exemplo, a ressurreição de Jesus, por não ser fato verificado pela ótica das ciências, torna-se ignorado. Por essa perspectiva, quando colocada frente aos textos bíblicos, geram-se conflitos. Para os cientistas evolucionistas, se a Bíblia é uma fonte autorizada da verdade, então ela deve ser cientificamente acurada.

Contraste

Já o contraste evita o conflito mediante a separação dos campos. Seu argumento é que “a teologia e a ciência tratam de conjunto de problemas radicalmente dispare, de sorte que qualquer conflito real entre elas é impossível” (HAUGHT, 2010, p. 171). As ciências se preocupariam com o modo como as coisas se dão na natureza, e a teologia, por sua vez, com as razões últimas. Essa posição envolve a ideia de que somente a compartimentação da ciência e da teologia em campos estanques pode fazer com que os conflitos entre elas sejam evitados ou eliminados. O triste episódio de Galileu e a Igreja poderia ter sido evitado se os teólogos e filósofos não tivessem ultrapassado seus campos de autonomia. Essa atitude, apesar de ter o mérito da clareza, deixando distantes, de maneira prudente, todo encontro, não pode satisfazer um espírito desejoso de unidade.

Contato

Contato pressupõe inexistência de confusão para uma relação saudável e frutífera entre ambos os campos do saber. “Não se deve fundir ciência e fé, evidentemente, mas a ciência sempre comporta implicações para o mundo da fé religiosa e para a teologia” (HAUGHT, 2010, p. 172). Nessa perspectiva, mostra-se como a melhor maneira de consideração dos conceitos, já que impede qualquer confusão entre ciência e religião, mas também reconhece ser impossível isolar a teologia dos resultados das descobertas científicas. Trata-se, certamente, de uma abordagem delicada que deve ser executada a cada novo período de descobertas científicas.

Não se pode negar, entretanto, que esse contato, quando exercido de uma forma verdadeira, será afetado pelo que geralmente se admite como cientificamente importante. O contato da fé e da teologia com a ciência não está ausente de dores e surpresas. Basta lembrar o que significou o encontro da Igreja com a cosmologia galileia ou com a representação da vida segundo Darwin. A teologia não pode se eximir das descobertas científicas, uma vez que tem por missão jesuânica ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14).

Confirmação

A confirmação consiste no apoio da teologia à pesquisa científica, no sentido de defendê-la internamente. Segundo Hammes (2011, p. 216), “a teologia não pode presumir-se superior às demais ciências, porém é chamada a se aproximar das mesmas como forma de conhecimento da realidade, e ser capaz de repensar sua própria interpretação do universo com recursos melhores do que uma compreensão não científica do mundo”. Quando o Verbo divino, a partir do qual se modela toda a criação, se encarna, o mundo inteiro se revela inseparável de um princípio eterno de inteligibilidade. Teologicamente, a ciência só se justifica se o mundo que ela explora for inteligível. A confiança do cientista de que o universo é inteligível, apesar de ser uma verdade, não pode ser levada a cabo sem a confirmação da teologia. Nesse aspecto, compete à teologia fazê-lo, no sentido de suportar ou confirmar a jornada científica da descoberta. “Certamente essa é uma abordagem que permite uma aprendizagem melhor da teologia e uma relação honesta e respeitosa com as ciências” (2011, p. 216).

Mesmo considerando a pertinência dessa tipologia, ela não responde satisfatoriamente, pois segundo alguns críticos as relações entre ciência e religião são demasiadamente complexas e dependentes do contexto para que se possa tipificá-las em um esquema de classificação. Tais críticos alegam que as interações variam nos diversos períodos históricos para configurar algum padrão (BARBOUR, 2004, p. 17).

Religião e ciência: relação complexa

Não são infrequentes as representações caricaturais das ciências sobre a religião por considerá-la como absolutamente conservadora e até retrógrada. Já a ciência aparece como referência aberta sob qualquer condição ao progresso do conhecimento e livre de todo preconceito. Essas representações são abundantes nos meios midiáticos que apresentam uma dicotomia que, em muitos casos, não serve a nada mais senão a finalidades de inclinação político-ideológica. O histórico dessa problemática tem sua origem, ainda hoje, agravada pelo destaque conferido a alguns flagrantes episódios de conflitualidade na história moderna (dentre eles, o de Galileu Galilei).

É importante destacar outro problema, perpassado pelo confronto polêmico entre criacionismo e teoria da evolução darwiniana, por uma difusa desconfiança e ignorância recíprocas. Soma-se a essas dificuldades uma notável complexidade, devido ao fato de que não é fácil saber desenvolver competências para conectar religião e ciência de modo significativo, isto é, de modo a não produzir apenas a impressão de uma aproximação extrínseca ou de uma apressada conciliação que evite os problemas mais prementes.

A história mostra o quanto esse caminho foi conflituoso. A religião relutou enquanto pôde para refutar os avanços das pesquisas científicas, mais condenando do que reconhecendo um *aggiornamento*³ para a fé cristã. A Igreja Católica, lentamente e com muitas resistências, foi aos poucos se abrindo para a contribuição das ciências para o campo teológico. Sem culpar somente a religião, pois encontramos por parte da ciência posturas semelhantes à medida que cientistas desconhecem ou ignoram a religião como dimensão necessária para a humanidade. Um grupo significativo de pessoas ateístas e antirreligiosas em nome do desenvolvimento científico questionam as crenças religiosas envolvendo ou não entidades sobrenaturais. Nomes como Richard Dawkins e Daniel Dennett são expoentes natos deste movimento, não sem contestação entre os próprios ateus, como é o caso de Gleiser que, como agnóstico, é crítico de Dawkins e respeita a religião.

A questão aqui é de atitude, do que fazer frente ao desconhecido. Existem duas alternativas: ou se acredita na capacidade da razão e da intuição humana (devidamente combinadas) em sobrepujar obstáculos e chegar a um conhecimento novo, ou se acredita que existem mistérios sobrenaturais inescrutáveis, criados por forças além das relações de causa e efeito que definem o normal (2010).

³ *Aggiornamento* foi uma feliz palavra cunhada com o Concílio Vaticano II (1963-1965), para expressar uma dimensão da missão da Igreja na história da humanidade. É missão da Igreja manter o constante equilíbrio entre às fontes do Evangelho e da Tradição cristã, quer de *aggiornamento* – atualizando, renovando e reformando o ensinamento e a prática da Igreja de modo que ela possa melhor comunicar a tradição da fé para os contemporâneos. (CLIFFORD, 2013, p. 321). Na opinião de Eduardo R. da Cruz, “o tema da ciência é pouco tratado nos Documentos do Vaticano II, comparativamente falando, ainda que esteja subentendido (em conjunto com a tecnologia) na ideia de *aggiornamento* ao mundo moderno”. (PASSOS; SANCHEZ, 2015, p. 122).

Apesar dessas dificuldades, o tema da relação entre religião e ciência é fascinante, necessário e atual. Religião e ciência se constituem em dois modos de conhecer a realidade e de descobrir um sentido que satisfaça uma inclinação fundamental do ser humano. Por serem modos diferentes, podem entrar em conflito, mas não necessariamente devem fazê-lo. Como a história de muitos cientistas crentes demonstrou, podem estar em uma relação de diálogo e de complementaridade dos saberes. Nas palavras de Sweetman (2014), “o conhecimento da realidade que a ciência é capaz de oferecer, levada a um certo nível, desperta, por conta própria, interrogações adicionais (as chamadas ‘questões últimas’) que também são de competência da religião ou, em todo caso, às quais a religião pode oferecer uma resposta plausível”.

Segundo Sweetman, entre as questões estão aquelas sobre o porquê da existência do mundo, sobre o sentido da vida, sobre o destino do ser humano, sobre a existência ou não de Deus. Questões que pareceriam estar fora de órbita, principalmente para muitos da cultura pós-moderna que tornaram surdas interrogações dessa modalidade. No entanto, isso não é verdade, como demonstra justamente a renovada atenção em relação ao tema da relação entre religião e ciência. Por um lado, esse fenômeno se explica porque uma compreensão da ciência que considera como único instrumento completo e válido de conhecimento sobre a realidade parece ser hoje muito menos plausível do que há um tempo (embora ainda sustentada em certos setores). Por outro lado, no âmbito religioso cresceu a consciência de que, no “contexto da cultura contemporânea, onde a ciência desempenha um papel importante, não é possível ignorar os problemas, mas também as oportunidades, que a visão científica do mundo coloca à religiosa” (SWEETMAN, 2014).

Na avaliação de Susin (2010), tanto a “fé como a ciência são fatores de humanização quando mantêm uma conexão positiva entre si. Toda vez que triunfaram a confrontação e a exclusão, quem perdeu foi à sociedade”. Significa que “sem uma direção ética e sem um sentido profundo da vida humana sobre a terra, a tecnologia continuará a servir para a destruição, e não se vai ter vontade política de aceitar os custos de uma transformação de nossa forma de vida” (SUSIN, 2010).

A Igreja Católica, entretanto, somente abre as portas oficialmente para a ciência com o Concílio Vaticano II (1962-1965). Mesmo assim, conforme Eduardo Cruz, a ciência é pouco tratada nos documentos, comparativamente falando, ainda que esteja subentendida (em conjunto com a tecnologia na ideia de *aggiornamento* ao mundo moderno). Considerando as referências nos documentos conciliares, constata-se que palavras como “ciência”, “ciências” e “científico” surgem quarenta vezes na *Gaudium et Spes*, oito vezes na *Gravissimum Educationis* e seis vezes na *Ad Gentes*” (CRUZ, 2015, p. 122).

Em termos históricos perpassa uma ambiguidade na posição do Magistério em relação à ciência e sua autonomia. De um lado, o interesse, o patrocínio e a presença ativa de sacerdotes e religiosos em atividades científicas nos dois últimos séculos. De outro lado, a censura e a desconfiança em relação aos avanços científicos. Na opinião de Cruz (2015, p. 125), quando não ameaça princípios de fé e moral, é acolhida e incentivada pelo magistério, caso contrário, as restrições e a defensiva surgem. Fato típico é o caso Galileu, quando se notou que não exercia nenhuma incoerência com a doutrina católica, passou a ser acolhido com entusiasmo.

“O lado positivo é que o campo está aberto para novas interpretações, rompendo com as amarras do Magistério pré-Vaticano II e permitindo que a ciência seja respeitada em sua integridade” (CRUZ, 2015, p. 126). Outro aspecto importante é considerar a prática da ciência como vocação do cristão (um tema caro a Teilhard) e a enculturação da mensagem cristã no discurso científico. Mas, ao contrário do que parece, a principal oposição quando se fala em ciência no Vaticano II não foi entre os

“conservadores” e “progressistas”, mas sim entre “otimistas” e “pessimistas”. De acordo com Alberigo (2015, p. 126), “as oposições fundamentais permaneceram, porém, entre uma teologia da encarnação, que emprestou uma valorização genuína à cultura humana, e uma teologia da redenção, para a qual a cultura necessitava ser redimida e a ciência seria suspeita”. O Concílio preocupou-se mais com o impacto do progresso científico e tecnológico no mundo moderno, o que é perfeitamente compreensível, dada a tarefa urgente de lidar com os problemas econômicos, políticos e, no caso latino-americano, com os pobres e suas aspirações. Os sinais são perceptíveis nas últimas décadas nas temáticas dos congressos, livros, artigos e disciplinas nas universidades. Não se trata somente de diálogo entre teólogos e cientistas, mas de colaboração mútua no plano teórico e prático (CRUZ, 2015, p. 126-127).

Em um mundo pluralista, onde os discursos religiosos têm perdido tanta credibilidade e onde as imagens do divino se mesclam e confundem-se, possivelmente, a práxis cristã será o melhor dos argumentos para dizer em que Deus cremos. São os sinais que dão visibilidade à fé cristã e constituem sua autenticidade. A fé que age pela caridade (Gl 5,6). E o cristianismo encontra belamente em Jesus essa síntese entre seus sinais libertadores do Reino de Deus e sua abertura de “sinais ainda maiores” no futuro escatológico. Trata-se da realidade do Reino de Deus que já está no “meio de vocês”, mas “ainda não” de forma definitiva (Lc 17,20-21).

“A Palavra se fez carne e acampou no mundo” (Jo 1,14). Deus entrou no mundo, e permaneceu, não saiu mais. O lugar natal de Deus é o mundo. Na perspectiva de Teilhard de Chardin, o cristianismo se move entre o Alfa e o Ômega (Princípio e Fim). No entanto, conforme Chardin, Deus é mais Ômega do que Alfa. A “doçura” da terra está mais adiante, porque, em certo sentido, ainda não emergiu. Essa mesma perspectiva é chamada por Haught (2010, p. 240) de “panvitalismo escatológico”, caminho que permite, seguindo o autor, abertura da fé à ressurreição sem contradizer o conhecimento científico. “Isso significa que a vida pode ser concebida como irreduzível à morte se nossos pensamentos se voltarem para frente, onde o processo cósmico pode estar ocorrendo, e não exclusivamente para trás, de onde se originou”. Haught acredita que esta inversão de perspectiva “constitui uma das grandes contribuições da fé bíblica e cristã para uma compreensão do mundo” (2010, p. 241).

Essa miragem teológica não se distancia, mas corrobora com a compreensão do teólogo protestante Jürgen Moltmann sobre a centralidade da esperança da fé cristã. O cristianismo nos convida a enxergar o mundo pelas lentes da esperança. “Ao fim e ao cabo”, diz Moltmann, “o cristianismo (...) é esperança, olhar prospectivo e marcha em direção ao futuro, revolucionando e transformando o presente” (2010, p. 24). Não sem razão, o teólogo Wolfhart Pannenberg define a revelação como “advento do futuro”. É, sobretudo, na ressurreição de Jesus que o futuro último do mundo se revela sob as condições restritivas do presente. “Contemplando a ressurreição de Jesus, percebemos nosso futuro último”. A aura de mistério que circunda a ressurreição “significa que, para o cristão, o futuro ainda está aberto e repleto de possibilidades” (HAUGHT, 2010, p. 267-268). Essas considerações atestam a experiência profunda do Apóstolo São Paulo que declara: “Se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é sem fundamento, e sem fundamento é também nossa fé” (1Cor 15,14). Isso traz consequências e contribuições tanto para a ciência quanto para a fé, segundo Haught:

Tanto a ciência quanto a fé bíblica abrem nossa compreensão do universo a novas possibilidades e, daí, a uma visão de mundo na qual o amor e a esperança têm um significado positivamente criativo. De um ponto de vista cristão, se reinasse o determinismo, e o futuro cósmico estivesse já fechado, ou se a plenitude do ser já estivesse realizada num Eterno Agora, isso enfraqueceria

a boa notícia de que alguma coisa radicalmente nova o Reino de Deus está vindo, ainda não completamente realizada (2013, p. 70).

Religião e ciência: uma relação de confirmação para um mundo humano

A ciência, por si só, não somente não consegue dar conta dos problemas postos diante da humanidade, mas também sozinha pode tornar o problema ainda mais agudo. Será preciso rever as concepções de ciência, uma vez que não pode ser compreendida como domínio sobre o conjunto da humanidade. A ciência precisa ser vista como participação ou comunhão, sem negar a importância da transcendência para interpretar o mundo.

No caos existente, o ser humano pode reagir tanto com angústia quanto com esperança. Pode entrar em alerta diante do perigo iminente de destruição e tomar iniciativas de sanação e combate perante a realidade, como esforço de cura do ambiente enfermo. No entanto, se a pessoa não caminha para uma esperança, acabará num sufocante vazio da angústia. A esperança garante sonhar e trabalhar para um “novo céu e nova terra” (Ap 21,1). Nas palavras de Moltmann (1993, p. 54), “na angústia antecipamos o possível perigo, na esperança, a possível salvação”. As duas realidades estão interligadas. O equilíbrio nessa relação é de fundamental importância para refutar uma concepção de visões opostas ou paralelas. Nesse sentido, a religião pode confirmar a legitimidade da ciência, integrando-a na visão de mundo sobre a qual ela oferece uma interpretação, ao mesmo tempo em que respeita a sua autonomia.

A humanidade aprendeu muito com as grandes tragédias coletivas do século XX e muitos aspectos alimentados por utopias tecnológicas. Nas palavras do Brustolin (2011, p. 280), desde Hiroshima e Auschwitz, “as ciências naturais perderam sua inocência”. Por isso, em cada novo passo adiante no domínio da técnica implica não apenas prudência, mas também precaução. Pessini (2011, p. 269) reflete que “é urgente cultivar, junto com a ousadia científica, a prudência ética. Quais seriam as chamadas ‘qualidades humanas fundamentais’ que não deveríamos alterar”? Fala-se em “transhumanismo” que, na compreensão de Pessini, significa:

[...] um movimento cultural e intelectual que afirma a possibilidade e o desejo de fundamentalmente aprimorar a condição humana através da razão aplicada, especialmente usando tecnologia para eliminar o envelhecimento e aprimorar as capacidades intelectuais, físicas e psicológicas. (2011, p. 269).

Por isso é preciso refletir criticamente sobre as consequências do transhumanismo. Podemos perguntar com Pessini (2011, p. 275): no futuro, a compaixão, a solidariedade, o cuidado não serão desprezados em favor da busca biotecnológica de músculos mais fortes, mais longevidade, disposição de felicidade e beleza permanentes, ou seriam estas virtudes o “último aperfeiçoamento humano” desejável?

A tarefa da teologia também não se faz pequena, uma vez que é chamada a ser sinal eficaz do evangelho – “fonte de água viva que jorra para vida eterna” (Jo 4,14). Atualização que significa a incessante missão da Igreja de, por um lado, manter-se fiel à fonte viva da Palavra de Deus e da Tradição do magistério e, por outro lado, responder satisfatoriamente às questões de seu tempo. Quando

olhamos a relação entre ciência e teologia, embora com diferenças irrenunciáveis, ambas não se podem dar as costas. Na opinião de Stoeger (2002, p. 86), “a maneira como interpretamos a Escritura, a filosofia e a teologia hoje indiretamente depende bastante dos avanços em muitas outras disciplinas, até mesmo nas ciências naturais e humanas”.

Apesar de surpreendente, contrário também é correto, porque o poder da ciência somente é verdadeiro na medida em que está vinculado com domínios de validade. Essa limitação, que é parte integrante da ciência e de toda forma de conhecimento humano, mostra a necessidade do diálogo, conforme Stoeger:

[...] os limites de uma área específica – e o enfoque e as bases evidentes a ela apropriados – só são descobertos por meio da interação com outras áreas. Todas as áreas de conhecimento compartilham pelo menos no campo cultural comum e se influenciam mutuamente de diversas formas. (2002, p. 86).

Elas são reveladoras e complementares porque nos fornecem diferentes perspectivas da mesma realidade experimentada. O trabalho cooperativo de ambas pode ser conciliável. São dois mundos que abrem horizontes intelectuais, que expandem o acesso à verdade. Nessa ambivalente relação, o teólogo há de se familiarizar com os fatos científicos, e o cientista não desconhecer os dados da fé. O cientista é um ser humano que em sua existência também se confronta com as questões da fé e da cultura. O teólogo, por sua vez, precisa, como Tomé, perguntar-se pela veracidade dos sinais, para que a fé não se reduza à ideologia cega. Nas palavras de Libanio (2000, p. 119), cabe à teologia inverter a relação com as mediações científicas: “se esta foi para a Teologia da Libertação um instrumento de crítica da religião, torna-se hoje uma mediação nova de diálogo”.

Considerações finais

Certamente, são vários os fatores que identificam e caracterizam a relação religião e ciência, o que está longe de termos abordado suficientemente. O que se vislumbra são questões pertinentes e de urgência para a reflexão teológica.

Na avaliação de Barbour (2004, p. 9), quando a religião se encontrou pela primeira vez com a ciência moderna, no século XVII, o encontro foi amigável. Já no século XVIII, muitos cientistas acreditavam num Deus que havia planejado o universo, mas não era mais um Deus pessoal, envolvido ativamente no mundo e na vida humana. No século XIX, temos a hostilidade de bom número de cientistas em relação à religião. No século XX, a interação da religião com a ciência adotou várias formas, colocaram em xeque muitas ideias religiosas clássicas. O novo milênio dá indícios de uma renovação frutífera entre os cientistas, os teólogos, a mídia e o público.

Do ponto de vista das transformações possíveis, no que se refere à ciência, pode-se argumentar positivamente, contudo, essas transformações precisam justificar-se diante de critérios mais gerais da sociedade. Papa Francisco tem afirmado: “Assim, também a inteligência artificial, a robótica e outras inovações tecnológicas devem ser empregadas de modo que contribuam para o serviço da humanidade e para a proteção da nossa casa comum e não o exato contrário, como infelizmente algumas estimativas preveem” (Papa Francisco em sua mensagem ao Fórum Econômico Mundial, 2018).

Esse alerta torna-se ainda mais importante uma vez que as tecnologias gozam de certa neutralidade relativa. Uma avaliação ética deve estar baseada na consciência de sua ambiguidade, como qualquer atividade humana. Por isso, como esclarece Hammes, do ponto de vista da Teologia da Libertação e da opção eclesial pelos pobres, ou da Ecoteologia, os benefícios de uns precisam ser de todos, a começar pelos mais pobres (HAMMES, 2018, p. 446).

Tal perspectiva se torna um contributo salutar para a atividade teológica, porque como sugere a *Gaudium et spes*, 62b na pastoral sejam “[...] suficientemente conhecidos e usados não somente os princípios teológicos, mas também as descobertas das ciências profanas, sobretudo da psicologia e da sociologia, de tal modo que também os fiéis sejam encaminhados a uma vida de fé mais pura e amadurecida”.

O resultado é que uma visão religiosa que legitime e confirme as outras ciências, em vez de se opor a elas, modifica a reflexão teológica e permite que a religião e a fé tenham sentido para as pessoas que vivem no contexto científico. No mundo da ciência, a teologia pode reinterpretar seu discurso a respeito da fé sem abandoná-la. Desse modo, a teologia também é capaz de atender às perguntas oriundas das pesquisas e pode acompanhar os cientistas em sua busca e experiência transcendente.

Uma vez consideradas as implicâncias e a disposição vigilante sobre o papel constitutivo da religião e da ciência na história da humanidade, não podemos encontrar uma convergência fundamental no campo da ética? A “fome e sede de justiça” como ponto constitutivo em comum para todos, ou seja, aceitáveis para os cristãos, os ateístas e cientistas? Todos estão de acordo que a superação da injustiça, do sofrimento humano e das situações insuportáveis desse mundo são o marco da pergunta pelo sentido último da vida? Dessa forma, significa que cristãos, ateus e cientistas encontram na prática da solidariedade o lugar comum da verdade em que as concepções de mundo precisam convergir. Essa postura, no entanto, não obscurece a fé cristã, uma vez que tem ao seu lado Mt 25, uma linguagem indireta sobre Deus. Não importa como nomeiam Deus, nem importa, aliás, que falem de Deus. Importa, sim, que os frutos produzidos sejam humanizantes. Essa perspectiva, não diferentemente, exige responsabilidades éticas de primeira grandeza aos ateístas e aos cientistas.

Diante do exposto, percebe-se que religião e ciência são compatíveis e sua relação é imprescindível para o caminho de uma aliança ética corresponsável pela humanidade. A ciência promove o bem-estar material por meio das invenções, dos avanços tecnológicos e de descobertas, a religião deve promover o equilíbrio espiritual tanto no âmbito individual quanto no campo político e social, por meio dos bons costumes, do caráter das virtudes e da ética. Essa relação se tornará profícua para a teologia superando as relações históricas de fusão, conflito, contraste, contato e se firmando cada vez mais na confirmação, e assim teologia e ciência convergem, no “serviço da humanidade e para a proteção da nossa casa comum” (Papa Francisco).

Referências

BARBOUR, Ian G. Quando a ciência encontra a religião. São Paulo: Cultrix, 2004.

BOFF, Clodovis. Teoria e prática. Teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978.

- BRUSTOLIN, Leomar. *Teologia, ciência e natureza: uma relação ecológica*. In: CRUZ, Eduardo R. *Teologia e ciências naturais: teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CRUZ, Eduardo R. *Ciência*. PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.
- GLEISER, Marcelo. *Sobre o natural e o sobrenatural*. Folha de São Paulo. Seção 'Ciência', domingo, 11 de julho de 2010.
- HAUGHT, John. *Cristianismo e ciência: para uma teologia da natureza*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- HAUGHT, John. *Teologia católica para um universo inacabado*. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; GERALDO, DE MORI. *Deus na sociedade plural: fé, símbolos, narrativas*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- HAMMES, J. Érico. *Teologia e evolução: uma hermenêutica da aliança*. In: CRUZ, Eduardo R. *Teologia e ciências naturais : teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- HAMMES, J. Érico. *Transumanismo e pós-humanismo: uma aproximação ético-teológica*. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte. V. 50, n. 3. p. 431-452. Set./Dez. 2018.
- IRARRAZAVAL, Diego. *Religiões do povo e sua teologia*. In: SUSIN, Carlos L. *Sarça ardente: teologia na América Latina : prospectivas (org.)*. São Paulo: Paulinas : Soter, 2000.
- LIBANIO, João B. *Religião e teologia da libertação*. In: SUSIN, Carlos L. *Sarça ardente: teologia na América Latina : prospectivas (org.)*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- KÜNG, Hans. *Introdução: o debate sobre o conceito de religião*. São Paulo: Concilium, 1986.
- MOLTMANN, Jürgen. *Quem é Jesus Cristo para nós, hoje?*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- OLIVEIRA, Manfredo, A. *Ética, direito e Democracia*. São Paulo: Paulus, 2010.
- PESSINI, Leo. *Bioética e o futuro pós-humano: ideologia ou utopia ameaça ou esperança?* CRUZ, Eduardo R. *Teologia e ciências naturais : teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- STOEGER, William. *As leis da natureza; conhecimento humano e ação divina*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- SUSIN, Luiz Carlos. "Uma sociedade que não respeita religiosamente o Direito e a Justiça não sobrevive". *Entrevista especial com Luiz Carlos Susin*. Revista IHU ON-LINE. 16 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/28987-%60%60uma-sociedade-que-nao-respeita-religiosamente-o-direito-e-a-justica-nao-sobrevive%60%60-entrevista-especial-com-luiz-carlos-susin>>. Acesso em: 22 out. 2018.
- SWEETMAN, Brendan. *Religião e ciência: uma introdução ao debate*. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/531288-religiao-e-ciencia-uma-introducao-ao-debate>>. Acesso em: 22 out. 2018.

VALLE, Edênio R. *Religião como forma de conhecimento: mito e razão*. In: CRUZ, Eduardo R. *Teologia e ciências naturais : teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2011.

Recebido em 09/02/2019

Aceito em 05/07/2019

Received 02/09/2019

Approved 07/05/2019